

Rodas de conversas literárias na Educação de Jovens e Adultos (EJA)
com a obra “Os cem menores contos brasileiros do século”

Elisabeth Maria de Melo¹

Clecio dos Santos Bunzen Júnior²

Dentre as muitas possibilidades da leitura literária no contexto escolar, as Rodas de Conversas nos remonta a indiscutível contribuição das práticas de Paulo Freire com os *Círculos de Cultura* na alfabetização de adultos, cujos pontos de partida fundamentais eram o diálogo e a criticidade. O princípio dialogal, ativo e participante proposto por Freire nos *Círculos de Cultura* faziam emergir a criticidade e a motivação dos educandos através dos debates de situações desafiadoras. Eles se descobriam, criticamente, como fazedores desse mundo da cultura. A partir daí era possível ouvir afirmações autoconfiantes: “ Faço sapatos (...) e descubro agora que tenho o mesmo valor do doutor que faz livros’. ‘Amanhã’, disse certa vez um gari da Prefeitura de Brasília, ao discutir o conceito de cultura, ‘vou entrar no meu trabalho de cabeça para cima’. É que descobrira o valor de sua pessoa.” (FREIRE, 1967, p. 109-110). Tais descobertas eram de um valor incalculável para aqueles que a experienciavam.

Em um processo dialógico similar ao proposto por Freire (1967), um pequeno grupo de estudantes da EJA, nos anos finais do Ensino fundamental, se reuniu na biblioteca escolar de um bairro periférico da cidade de Jaboatão dos Guararapes – PE, para ler minicontos e conversar sobre a inserção da Literatura em suas próprias vidas. A antologia escolhida “*Os cem menores Contos Brasileiros do Século*”, cuja organização foi realizada por Marcelino Freire (2004), possuía, a nosso ver, características relevantes a serem exploradas pelos estudantes, tais como: ganhos estéticos e éticos, confronto com temas diversos, certo grau de dificuldade em alguns minicontos através de seus implícitos, criatividade, originalidade, inovação, densidade e a diversidade de autores (cf. ROUXEL, 2013; DALVI 2013).

Baseando-nos na perspectiva didática e pedagógica da metodologia de Bajour *et al* (2006), realizamos Rodas de Conversas Literárias³ com os minicontos e nelas houveram

¹ Mestra em Letras pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e professora da Rede Municipal de Jaboatão dos Guararapes – PE.

² Professor Doutor do Centro de Educação da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE); do Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS-UFPE) e do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL-CAC-UFPE).

³ A intervenção foi realizada com gravações e fotografias. Os estudantes foram convidados a participar da pesquisa a partir da apresentação do TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido) e todo o grupo aceitou o convite.

muitos diálogos; reflexões; narrativas de vida pelos alunos; a prática da escuta; a troca de experiências e até mesmo o silêncio. Nessa prática dialógica proposta por Freire (1967, 1989, 1996, 2005), refletimos em como uni-la às práticas da Educação Literária, tornando a Literatura significativa, relevante e fomentadora da consciência crítica para nossos alunos da EJA. Este processo, centrado nas práticas sociais, nos direcionou às reflexões propostas pelos Novos Estudos do Letramento (STREET 2014) em diálogo com as discussões propostas sobre Educação Literária (cf. BAJOUR, 2006; COLOMER, 2007; PETIT, 2009; YUNES, 1999; MACEDO, 2021).

Neste artigo, daremos enfoque à Roda de Conversa com o miniconto “Primeiro grande amor”, de autoria de Reynaldo Damazio (2004). A escolha deste miniconto se deu pelo estudante Pedro⁴ e que alguns motivos nos encaminharam para a análise desse miniconto: (i) a rápida relação do miniconto com a narrativa bíblica; (ii) o descrédito no amor por um dos integrantes do grupo; (iii) a relação do miniconto com uma reportagem; (iv) as possibilidades interpretativas além da narrativa bíblica. Vejamos o miniconto:

PRIMEIRO GRANDE AMOR

- Eva, não vá...

Reynaldo Damazio.

Naquela Roda de Conversa Literária éramos ao todo seis pessoas (docente e discentes), lemos o miniconto em voz alta seis vezes, cada pessoa do grupo teve a oportunidade de lê-lo. Enfatizamos aqui a importância da leitura em voz alta (YUNES, 2014): há nesse tipo de leitura um encontro dialógico entre texto e voz e ela parece-nos impulsionar para a apropriação do texto que será discutido. Lemos e ouvimos com a nossa própria voz e com a voz do *outro* algo que o texto literário poderia nos dizer. E para cada um de nós a leitura literária em voz alta pôde fazer com que a nossa imaginação percorresse vários caminhos interpretativos.

Na sequência fizemos uma pergunta a Pedro:

Docente: *Por que tu escolheste este, Pedro?*

Pedro: *Porque lembrei do primeiro amor...*

Durante as nossas Rodas de Conversas Literárias, quase todos os minicontos escolhidos pelos estudantes tinham como referência alguma experiência já vivida. Escolhiam

⁴ Nomes fictícios escolhidos pelos próprios alunos e alunas.

determinado miniconto porque o faziam lembrar de algo que já tinham vivenciado ou experienciado. Os fios se entrelaçavam entre a história de vida dos nossos educandos e o texto literário; eles pareciam elaborar, tecer a própria história (PETIT, 2013), e essas histórias foram ganhando significação porque os estudantes eram donos de suas próprias vozes, de suas próprias experiências (FREIRE, 2005). Os educandos tinham ali, no chão de uma biblioteca escolar, a liberdade de ser e de ler com a própria vida (FREIRE, 2011). Pedro, 42 anos, lembrou do primeiro amor porque o título do miniconto provocou essa memória. Possivelmente lembrou de seu primeiro amor na adolescência, quando não tinha as responsabilidades que tem hoje como esposo e pai. Os textos literários podem nos fazer viajar no tempo. E essa viagem pode trazer à tona muitas coisas que os leitores já sabem. No miniconto “Meu Primeiro Grande Amor” o autor traz ao texto a personagem Eva – referência à primeira mulher criada na narrativa bíblica do livro do Gênesis – narrativa por muitos conhecida e que faz parte da fé cristã no Brasil. Essa percepção religiosa faz parte da vida de muitos, como podemos observar nos turnos de fala abaixo:

Rosângela: *Você é o Adão. Ai você fala: - Eva, não vá.*

Docente: *Olhem, olhem... Escutaram o que Rosângela falou? Que ele é o que, Rosângela?*

Rosângela: *Adão.*

Docente: *Por que Rosângela está falando em Adão?*

Niquinha: *Porque falou em Eva.*

Rosângela: *Porque “Eva, não vá”.*

Rapidamente as discentes fizeram a relação intertextual endoliterária⁵ da personagem Eva à narrativa do Gênesis. Há nesse miniconto um desafio para o leitor: desvendar a história delineada. E

nesta busca do desvendamento, o leitor se afasta da superfície escrita deixada pelo autor para diluir possibilidades narrativas para aquilo que minimamente se redigiu. Essas possibilidades não são de sentidos imediatos, são possibilidades de “escrita a mais”. É sair de um objeto para outro, ou tecer outro pela inspiração do primeiro. (SANTANA, 2021, p. 169)

O que estava redigido era mínimo: um título com três palavras e o corpo do texto igualmente com três palavras. As mínimas palavras do miniconto foram colocadas ali propositalmente, com a intencionalidade de uma “escrita a mais”. As alunas começaram a diluir inicialmente as possibilidades do miniconto, essa escrita a mais foi sendo tecida na medida que as trocas dialógicas aconteciam. Para Ana María Shua (2017, p.48-49), escritora

⁵ Relações intertextuais entre textos que fazem parte do sistema literário (AGUIAR e SILVA, 1988).

argentina e conhecida por seu trabalho em microficção, em seu livro “Cómo escribir un microrrelato” nos traz relevantes afirmações:

os autores de micro-histórias, em particular, devem estar atentos a todos os conhecimentos que compartilhamos com outros falantes da nossa língua, para usá-los a nosso favor, para nos permitir narrar muito mais com muito menos palavras. [...] A micro-história funciona [...] usando o conhecimento do leitor para completar o significado. O leitor sabe muito, sabe mais do que pensa, e trabalhar com esse conhecimento anterior nos permite economizar muitas palavras. Para aproveitar o que o leitor já sabe, todos os lugares-comuns e convenções de nossa cultura são bem-vindas: a Bíblia, a mitologia greco-romana, canções e contos populares, provérbios e, por fim, todos os restos mortais, móveis, colunas, rituais e jogos realizados pelo fluxo da língua.

Reynaldo Damazio com muito menos palavras passa a falar muito em seu texto literário. Ele sabe que o leitor, dentro do contexto cristão brasileiro, conhece a narrativa bíblica de Eva e Adão, dessa forma, economiza muitas palavras por trabalhar com esse conhecimento prévio do leitor. Essa é apenas uma das muitas e potentes características dos minicontos (CECHINEL, 2019). Ao falar sobre as personagens protagonistas que estão presentes em livros religiosos, Santana (2021, p. 175-176), afirma que

a inscrição de figuras, personagens de escrituras remotas ou com relevância cultural, as mais conhecidas e universais, ou as que protagonizam narrativas de livros religiosos, estão presentes em uma quantidade considerável de obras, sendo um ponto bastante explorado entre os estudiosos e indicado para quem almeja escrever “micro-relatos [...] a Bíblia, Deus, Adão, Eva, a criação, o pecado, no caso da menção a obras sacras, se inserem em muitas escritas breves e hiper-breves. Ao serem colocados ali, nossa leitura não se fará sem que as associemos às ‘narrativas originais’ correspondentes.

Foi exatamente isso que ocorreu quando lemos com o grupo o miniconto em análise: Rosângela e Niquinha logo o associaram às narrativas originais (Livro de Gênesis, capítulo 3). A cosmovisão cristã apresenta-se muito forte em todo o contexto brasileiro e a Bíblia é considerada por uma considerável parte da população *um instrumento* de fé e prática. Dessa forma, parece-nos que o uso dessas narrativas bíblicas (ou outras obras sacras, ou termos associados ao Cristianismo) em muitos minicontos é uma estratégia recorrente para fugar o leitor naquilo que ele mesmo já conhece. Na própria antologia “Os cem menores Contos Brasileiros do Século” (2ª edição) encontramos 11 minicontos com referências religiosas. E “para cada situação, uma narrativa [precisa] ser evocada para dar vida àquilo que asfixiou a narratividade, àquilo que não conseguiu ser história, todavia propositalmente: o efeito era esse mesmo, o de conduzir o leitor a pensar nessas ‘escritas a mais’” (SANTANA, 2021, p. 176).

Em seguida e por alguns momentos, os educandos e educandas pareciam deixar um pouco de lado a história de Eva e começaram a falar de suas próprias vidas e algumas reflexões sobre o amor. Vejamos:

Mayck: *Só pra destruir a sua mentalidade, lembrando que amor não existe, viu? É só uma enganação de sua mente.*

Pedro: *Não, mas nem todo mundo acha que amor não existe.*

Niquinha: *Conversa é essa, Mayck? Amor existe sim.*

Pedro: *Se o amor não existisse a gente não amava.*

Niquinha: *Amor existe sim! Depende do amor. Porque amor de filho, ele existe e é eterno. Amor de irmão, amor de pai e mãe. Ou não professora, a senhora concorda comigo?*

Rosângela: *E o amor de casal também existe.*

Pedro: *Pra pessoa viver muito tempo tem que amar.*

Rosângela: *Mas de casal também existe. Não existe agora, mas de antigamente existe.*

Niquinha: *Não, meu amor. Agora também existe. Existe sim. Existe pessoas, professora, que nasceu um pro outro mesmo.*

Pedro: *Eu acho que existe.*

Ana: *Ainda existe também.*

Rosângela: *Hoje em dia o amor é dinheiro, rapaz.*

Mayck: *O amor nada mais é do que bens materiais.*

Mayck: *É o meu ponto de vista. É minha opinião e eu só espero que respeitem. Só isso.*

Niquinha: *Claro, com certeza.*

Pedro e Rosângela: *Claro.*

A partir do texto, cujo título remete ao primeiro amor, Mayck olha para si, olha para sua intimidade e diz que o amor não existe. Todos nós ficamos surpresos com a declaração do discente e um momentâneo silêncio pairou entre nós. O que levaria uma pessoa a não acreditar no amor? Mayck dá uma possível resposta a essa indagação: *“Eu tenho 50 anos de idade e 37 deles eu passei casado ou em um relacionamento. Eu comecei muito cedo. Só 26 anos eu passei com essa mulher que me separei dela. E eu entendi o seguinte: eu passei 26 anos casado com uma pessoa que eu não conhecia. Eu só passei a conhecer no dia que me separei. Porque simplesmente ela só queria aquilo que eu tinha. Eu batalhei a vida inteira e hoje eu não tenho nada. Então, pra mim, são dois inimigos que se toleram até o dia do primeiro erro.”* A não-feliz experiência em relacionamentos fez com que Mayck tivesse uma percepção negativa do amor entre duas pessoas. O educando estava ali, expondo suas experiências mais pessoais; sua intimidade estava sendo partilhada, alcançando uma dimensão singular e plural (YUNES, 2003). Mayck era ali um sujeito *ex-posto* (LARROSA, 2002). E nessa exposição estávamos aprendendo a escutá-lo, aprendendo que “a verdadeira escuta não diminui em mim, em nada, a capacidade de exercer o direito de discordar, de me opor, de me posicionar” (FREIRE, 1996, p. 120). Nós discordávamos de Mayck, mas estávamos aprendendo a respeitá-lo, e ao mesmo tempo trazendo para o diálogo novos posicionamentos, novas maneiras de ver a vida.

Voltemos ao miniconto. Começamos a fazer algumas indagações:

Docente: *Gente qual é a personagem do miniconto?*

Niquinha: *É uma mulher, Eva.*

Pedro: *Eva.*

Docente: *Tem o tempo aí, dizendo? O espaço, o cenário?*

Mayck: *Não, não.*

Docente: *Vocês acham que quando a narrativa menciona Eva, é qualquer Eva? Ou traz a memória da gente o que vocês logo no início falaram?*

Pedro: *De Adão e Eva?*

Docente: *Será que ele tá trazendo a narrativa bíblica, aí? Lá do livro de Gênesis?*

Niquinha: *Pode acontecer. Pelo fato dele botar esse nome.*

Docente: *Na narrativa bíblica, qual foi a primeira mulher?*

Pedro: *Eva.*

Docente: *Qual é o título do miniconto?*

Pedro: *Primeiro grande amor.*

Docente: *Tem uma relação aí? Será?*

Mayck: *Acredito que não. É só uma coincidência.*

Começamos a questionar os elementos da narrativa: a personagem. Logo responderam: Eva. Nos diálogos, os discentes não mencionam explicitamente uma segunda (e suposta) personagem - Adão - que estaria dialogando com Eva. Mas no decorrer das conversas trazem esse acréscimo: “*Quando ele diz assim: - Eva, não vá*” (fala de Pedro) “*Mas como ele fala: Não vá*” (fala de Niquinha); ao mencionarem o pronome “ele” estão fazendo uma referência a Adão. Certas falas e no próprio decurso dos diálogos percebemos que os educandos estão tecendo os sentidos propostos pelos textos. Os reincidentes questionamentos que realizamos tiveram esse propósito: fazer com que percebam as novas possibilidades interpretativas do texto literário, pois sabíamos que verificar os não ditos de um texto não era uma tarefa tão simples. Nesse miniconto, especificamente, o autor decide omitir “fases de enredo, personagens [Adão], tempo, espaço, unidade dramática, inclusive o narrador [...] essas escritas micro [seriam] reescritas pré-narrativas que ‘cinzelam’ narrativas ou textos de outro gênero culturalmente canonizados” (SANTANA, 2021, p. 218). Quando perguntamos sobre o tempo e o espaço, Mayck prontamente respondeu que não havia. Para descobrirmos tais informações, precisaríamos voltar à narrativa de um texto *culturalmente canonizado*: a bíblia, especificamente o livro do Gênesis – lá encontramos o tempo (o início da criação) e o espaço (o jardim do Éden).

Em determinado momento, questionamos sobre o sentido das pontuações no texto:

Docente: *Esse travessão aí indica que seria um diálogo com alguém? - Eva, não vá...*

Docente: *É interessante, né? É como se tivesse um diálogo – uma personagem falando com outra.*

Mayck: *Sim, sim.*

Docente: *- Eva, não vá... Porque o travessão tá aí e tem reticências no final. Essas reticências poderiam significar o que?*

O travessão indicaria (o suposto) Adão em diálogo com Eva e as reticências indicariam aquilo que não foi dito: o seu pedido à esposa para que não desobedecesse a Deus. Os discentes começaram então a elaborar diversas possibilidades para esse proposital e incompleto diálogo do miniconto: (i) - *Eva, não vá embora* (Ana e Rosângela); (ii) Uma amiga indo embora (Mayck); (iii) Eva está querendo ir embora porque se decepcionou com alguma coisa (Niquinha); (iv) Eva indo para um lugar perigoso (Pedro); (v) Eva não vá comer a maçã (Niquinha); (vi) Não vá no sentido de morrer (Pedro).

Através dessas possibilidades, os alunos e as alunas passaram a sair da superfície do texto e tentaram “diluir possibilidades narrativas para aquilo que minimamente se redigiu” (SANTANA, 2021, p. 169). Essa descoberta é um processo rico e potente que nos permite crescer conjuntamente. E nessa relação horizontal (A com B), nessas trocas dialógicas (FREIRE, 1967), os sentidos vão sendo tecidos coletivamente. Fomos criando possibilidades de produção e ressignificação de sentido.

Para Santana (2021, p. 218- 219), “a intromissão de figuras, personagens, espaços, de narrativas e livros compreendidos como clássicos, canônicos, nas micro-escritas [...] [seria um] caso de ‘hipertextualidade’ de acordo com o prisma genettiano”. Ou seja, a narrativa do Gênesis seria o hipotexto para o hipertexto “Primeiro Grande Amor”. O miniconto seria um “texto de segunda mão [...] ou texto derivado de outro texto preexistente” (GENETTE, 2010, p.18).

O poeta e crítico literário Reynaldo Damazio utiliza-se de “desvios” do texto original para compor o miniconto: Adão (suposto) estaria pedindo que sua esposa (Eva) não fosse desobedecer a Deus. Todavia, na narrativa original “Eva” é persuadida pela “serpente” a comer do fruto da árvore proibida. E após comê-lo, deu-o a Adão que prontamente aceitou. No livro do Gênesis não há nenhum registro de Adão pedindo a Eva para que ela se afaste ou não vá ao encontro da serpente.

Haveria assim, entre as características da micro-escrita, uma transgressão, ou seja, elementos não-narrativos que apontam para o desafio de chegarmos ao sentido de um determinado objeto (o miniconto) por influência de um primeiro texto ‘original’.

Voltemos aos diálogos dos discentes:

Pedro: *Quando ele diz assim: - Eva, não vá. Será que ela tá indo embora? Será que ela tá indo pra algum outro canto, que seja perigoso, e ele diz: Eva, não vá?*

Niquinha: *Sabe o que eu pensei agora, professora? Pedro falou uma coisa agora que veio na minha mente. Na passagem bíblica não diz assim que não é pra morder a maçã? Não é isso? Pode ser que estava dizendo isso: Eva, não vá pra ali'. Não vá que é perigoso. Ai é perigo. Entendeu?*

Ana: *Que é o fruto proibido.*

Pedro: *Ela foi, comeu e ainda trouxe pra Adão.*

Docente: *Interessante, viu? Vocês disseram algo muito interessante. Na narrativa bíblica, Eva foi. Ela foi comer o fruto proibido. E aí pela narrativa do Gênesis foi um desastre depois. A mulher passou a ter dores de parto, o homem teve que suar pra trabalhar. É o que relata a narrativa bíblica de Gênesis.*

As falas e contribuições de Pedro são muito relevantes. Nos encontros em que ele pôde participar, sempre refletia muito antes de falar. Ao dizer “*Será que ela tá indo pra algum outro canto, que seja perigoso, e ele diz: Eva, não vá*”; essa fala foi como um gatilho para a construção de sentidos propostos por Niquinha e aceito pela maioria do pequeno grupo. Pedro, Ana e Niquinha vão ao encontro da narrativa bíblica (que eles já conhecem) e a trazem para a construção de sentidos no miniconto. Percebemos também como a percepção religiosa cristã é presente no grupo – todos conhecem a história bíblica. E em um dado momento, Niquinha diz: “*Tem dizendo isso que eu já participei muito de escola dominical*”; a aluna ratifica sua anterior participação em uma escola bíblica dominical como se quisesse legitimar suas palavras, trazer credibilidade ao grupo, apesar de não frequentar nos dias atuais nenhuma igreja. A religiosidade é uma realidade para grande parte dos 06 discentes que participaram das seis Rodas de Conversas Literárias: apenas dois alunos não frequentam igrejas (33.33%) e afirmaram ler raramente a bíblia.

Nos momentos finais do nosso encontro, Pedro relaciona o miniconto com uma reportagem:

Pedro: *E pode ser também, na vida de hoje, como disse, pode ser um rapaz se declarando para uma mulher e ser o primeiro grande amor dele, tudinho. E pode ser também que ela pode ter morrido, alguma coisa assim e o cara se declara pra ela quando morre.*

Pedro: *É. Hoje no jornal eu tava vendo que o padrasto tinha matado a enteada.*

Mayck: *A mulher e a enteada?*

Pedro: *Não.*

Mayck: *Já é outro?*

Pedro: *Foi, é... matou a enteada é... enforcada. E quando tavam fazendo a filmagem a mãe tava pedindo pra ela não ir. Entendeu? “Não vai, não vai...” é, “levanta, acorda”. Um negócio assim. Né? Possa ser também esse negócio “não vá”.*

Bastou-nos uma rápida pesquisa na internet para encontrarmos a reportagem mencionada por Pedro. O educando fez uma relação intertextual do miniconto com o que assistiu na TV. No processo criativo que a própria literatura permite ao leitor, Pedro criou

uma nova possibilidade interpretativa para o miniconto: “(...) *ela pode ter morrido, alguma coisa assim e o cara se declara pra ela quando morre*”. E a partir daí fez a relação com uma reportagem assistida por ele naquele mesmo dia - uma mãe que clama para a filha morta “*Não, vá*”. É o texto literário se entrelaçando mais uma vez com os acontecimentos da vida cotidiana, nesse caso específico, um dia marcado pela violência e por diversas atrocidades acometidas por malfeitores e assassinos. Entendemos que o texto literário também desencadeia uma perspectiva crítica do ambiente social em que estamos inseridos. E a Literatura faz parte dessa vida tão complexa, tão muitas vezes injusta e desigual; mas também a vida que nos faz vislumbrar, e ao mesmo tempo ver e sentir, o grande potencial de nossos alunos e alunas na Educação de Jovens e Adultos. Eles nos impulsionam a continuar acreditando na Educação Pública Brasileira e nos trazem grande emoção com suas palavras, questionamentos e crescimentos. Assim como a Literatura alcança a nossa vida; a vida de cada educando alcança a nossa própria vida também, nos ajudando a sermos docentes mais sensíveis e mais humanos.

Se defendemos veementemente o direito de *vez e voz* aos nossos discentes e afirmamos que lutamos contra uma cultura do silêncio, é necessário não menosprezarmos as possibilidades que nossos alunos e alunas trazem nas trocas dialógicas. No caso específico do miniconto *Primeiro Grande Amor* os discentes trouxeram seis possibilidades interpretativas para o discurso direto “– Eva, não vá...”. Tentamos direcionar os diálogos para as pistas, para os não-ditos deixados pelo autor e para o próprio jogo de palavras presentes no texto. O grupo antecipadamente percebeu a presença de outro texto no miniconto e a partir daí afirmamos a importância da narrativa bíblica na microescrita. Mesmo assim, eles e elas tentaram encontrar novas possibilidades de significado: resignificando e imaginando outras possibilidades. Talvez, vislumbremos aqui as possibilidades democráticas defendida por Leahy-dios (2000) e o encontro dialógico proposto por Freire (2005). Por fim, diante de um cenário real de tantas impossibilidades nas vidas dos educandos e educandas da EJA, talvez o ecoar de suas vozes seja uma das possibilidades de uma Educação verdadeiramente libertadora.

REFERÊNCIAS

AGUIAR & SILVA, Vitor Manuel de. **Teoria da Literatura**. 8ª ed. Coimbra, Almedina, 2007.

BAJOUR, Cecilia. Ouvir nas entrelinhas: o valor da escuta nas práticas de leitura. São Paulo: Editora Pulo do Gato, 2012.

BAJOUR, Cecília; BOMBINI, Gustavo; CANTAGALLI, Alicia; CARRANZA, Marcela; FERNÁNDEZ, Mirta Gloria. *Experiencias de Capacitación: el Postítulo de Literatura Infantil y Juvenil*. Buenos Aires: Editora: Claudia López, 2006.

COLOMER, Teresa. **Andar entre livros: a leitura literária na escola**. São Paulo: Global, 2007.

CECHINEL, Francilene Maria Ribeiro Alves. **O miniconto e a história da minificação brasileira**. Rio Grande, 2019. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Rio Grande - FURG. Programa de Pós-graduação em Letras.

DALVI, Maria Amélia. Literatura na escola: propostas didático-metodológicas. *In: Leitura de Literatura na Escola*. DALVI, Maria Amélia; REZENDE, Neide Luzia de; JOVER-FALEIROS, Rita (org.). São Paulo: Parábola, 2013. p.67-97.

FREIRE, Marcelino (org.). *Os Cem menores contos brasileiros do século*. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2004. 2ª ed.

FREIRE, Paulo. *Educação Como Prática da Liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

_____. *Pedagogia do oprimido* [1974]. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

_____. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam* [1982]. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

_____. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. *Ação cultural para a liberdade e outros escritos*. 14ª ed. Rio de Janeiro:

GENETTE, Gérard. **Palimpsestos: a literatura de segunda mão**. Belo Horizonte: Edições Viva Voz, 2010.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação*, nº 19; Rio de Janeiro: 2002.

LEAHY-DIOS, Cyanna. **Educação literária como metáfora social: desvios e rumos**. Niterói: EdUFF, 2000.

MACEDO, Maria do Socorro Alencar Nunes; ARAÚJO, Rayra Farias de; SILVA, Rosenae Pereira da Silva. Por que fazemos etnografia: a pesquisa do GPEALE em espaços educativos. *In: MACEDO, Maria do Socorro Alencar Nunes (Org). A pesquisa etnográfica em alfabetização, leitura e escrita: a experiência do GPEALE*. Curitiba, CRV, 2021.

PETIT, Michèle. **Leituras: do espaço íntimo ao espaço público**. São Paulo: Editora 34, 2013.

_____. **Os Jovens e a Leitura: uma nova perspectiva**. 2ª ed. São Paulo: Editora 34, 2009.

ROUXEL, Annie. Aspectos Metodológicos do ensino da literatura. *In: Leitura de Literatura na Escola*. DALVI, Maria Amélia; REZENDE, Neide Luzia de; JOVER-FALEIROS, Rita (org.). São Paulo: Parábola, 2013. p.17-33.

SANTANA, Franksnilson Ramos. **A não-narratividade no miniconto e a emergência de uma micro-escrita a-gênero**. Campina Grande, 2021. Tese (doutorado em Literatura e Interculturalidade). Universidade Estadual da Paraíba – Centro de Educação.

STREET, Brian V. **Letramentos sociais**: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

SHUA, Ana María. **Cómo escribir un microrrelato** (Spanish Edition). Alba Editorial, 2017. Livro eletrônico.

YUNES, Eliana. Círculos de Leitura: teorizando a prática. *In*: Leitura: teoria & prática. Revista semestral da Associação de Leitura do Brasil. Ano 18, número 33. São Paulo:1999.

_____. Leituras COM partilhadas, leitores multiplicados. PERcursos Linguísticos - Revista de Estudos Linguísticos - UFES, v. 4, n. 8, p. 130-141, semestral, 2014.